

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila
 Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila
 Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos	
Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos	
Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus	
Ana Lúgia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENSENTO	
Vítor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS

Data de aceite: 31/01/2020

Romilton Batista de Oliveira

romilton.oliveira@bol.com.br

Romilton B. de Oliveira é graduado em Letras pela Universidade estadual de Santa Cruz – UESC. Especialista em vários cursos que ele fez de acordo com o contexto profissional em que ele se encontrava. Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do estado da Bahia – UNEB. Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e Pós-Doutor em Letras pela Universidade da Beira Interior – UBI (Portugal). Escreve mensalmente poemas, contos e crônicas para a Editora Câmara Brasileira de Jovens escritores – CBJE (Rio de Janeiro-Brasil).

RESUMO: O presente artigo investiga a representação do trauma na literatura a partir dos romances autobiográficos do escritor português António Lobo Antunes: *Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas* e *Conhecimento do Inferno*. A pesquisa é teórico-metodologicamente bibliográfica, amparada pela literatura de testemunho, tendo a linguagem como fio condutor na representação do trauma. Esses romances fazem parte de uma literatura interpelada por um testemunho catastrófico que ainda não se fechou discursivamente. Sua extensa obra

representa a memória de uma guerra que até hoje é lembrada por portugueses e africanos. Elas se enquadram ao contexto pós-colonial, numa perspectiva lusófona e interdisciplinar. Autores como Halbwachs (2006), Foucault (2008), Butler (2015), Sanches (2012), Bondía (2002), entre outros, são citados para dar maior consistência à análise das obras literárias. Os resultados desse trabalho mostram que os romances investigados refletem o doloroso processo traumático, consolidado por meio de um discurso crítico e desconstrutor que destravou os “nós” que impediam a linguagem traumática de “falar”, transformando-se numa rica produção literária, de rastro testemunhal, autobiográfico, histórico e memorialístico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Representação; Trauma; Guerra Colonial.

Este artigo tem como objetivo analisar o trauma a partir dos primeiros romances escritos pelo consagrado romancista português António Lobo Antunes. O autor, por meio de romances e crônicas apresenta uma narrativa tecida por um contexto proveniente de sua experiência com a guerra colonial em Angola. Desta forma, podemos dizer que em romances como *Os Cus de Judas*, *Memória de Elefante* e *Conhecimento do Inferno*, entre outros, o escritor consegue

dar seu testemunho, trazendo à tona, por meio da representação literária, o que em outro gênero seria mais difícil de mostrar. A língua (ou linguagem) atravessa o evento traumático “muda”, e depois de um certo tempo, ela rompe com o silêncio e se materializa verbalmente, sendo descrita por meio de um imaginário fictício e simbólico, em forma de rastros-resíduos captados do passado pelo sobrevivente.

Ressaltamos que António Lobo Antunes nasceu em Lisboa no dia 01 de setembro de 1942. Licenciou-se em Medicina e especializou-se em Psiquiatria, decorrendo daí sua tendência de analisar, sob o prisma da Psicologia, a criação artística, o que o levou a escrever romances como “Os Cus de Judas”. Após sua participação na guerra Ultramar, exerceu a profissão de médico, em Lisboa, no Hospital Miguel Bombarda, até o ano de 1985. Como romancista, vem publicando desde 1979. Seus três primeiros livros - *Memórias de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do Inferno* (1980) constituem uma trilogia autobiográfica. Estes primeiros livros, muito ligados ao contexto da guerra colonial, transformaram-no imediatamente num dos autores contemporâneos mais lidos e discutidos, no âmbito nacional e internacional.

Por meio desse artigo, oriundo da tese de Doutorado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, a literatura torna-se um importante veículo de comunicação capaz de desconstruir costumes, valores culturais, linguagens e representações identitárias que predominavam violentamente no período colonial e que assujeitavam portugueses e angolanos ao sistema de pensamento centralizador e imperialista.

Ao falarmos do trauma é preciso recorrer ao processo intertextual e dialógico para que tenhamos êxito, compreendendo que está no sobrevivente¹ de acontecimentos catastróficos, como a Guerra Colonial em Angola, a marca registrada em seu corpo que o faz viver interpelado por “fantasmas” que habitam seu mundo interior. Desta forma, o trauma enquanto “ferida” que não se cicatriza, permanece aberto como as águas de um “rio” que nunca dormem. Os sujeitos que se banham nesse rio e que conseguem sobreviver tornam-se “sobreviventes”. São felizardos “infelizes” que viverão provavelmente com esse “sinal”, impedindo que ele retorne à sua vida anterior. São “especiais” porque foram “tocados” pela experiência em sua máxima intensidade, atingindo o real sentido etimológico da palavra: “travessia”, “perigo”, segundo Jorge Larrosa Bondía (2002). São sobreviventes porque conseguiram “atravessar” as fronteiras do terror e do “perigo” e estiveram nos limites da morte, atingidos pela perda de sentido da existência e de seus respectivos valores culturais. Nesse sentido, ser sobrevivente é, antes de tudo, estar condicionado à precariedade do corpo, pois, “cada corpo encontra potencialmente ameaçado por outros corpos que são, por definição, igualmente precários, produzem formas de dominação” (Butler, 2015, p. 53).

¹ O sobrevivente é um “fantasma real” que precisa tomar consciência de sua posição singular na sociedade e provar sua existência aos outros. Ao tomar posse de sua realidade e expressá-la, torna-se cômico de sua posição no mundo social, rompendo, assim, com sua invisibilidade. Ele é, acima de tudo, uma testemunha, legitimada por sua experiência.

É esse sobrevivente de guerra que, munido por uma força interior abalada pela experiência vivida através do acontecimento traumático interessa à Literatura de testemunho, empenhada em dar ao século XXI uma nova forma de ver e imaginar o mundo, já que não é possível descrever ou definir o ser humano por meio dos velhos paradigmas que nortearam a relação dos indivíduos em sociedade. Em outras palavras, não mais se aceita avaliar o homem com a mesma medida em que esse era hegemonicamente avaliado no século passado. O pensamento cartesiano não mais encontra lugar neste novo cenário pós-colonialista. As coisas já não mais conseguem ser representadas por meio de um ideário de permanência e fixidez. Uma ruptura se processa em torno de conhecimento normativo e disciplinar, cedendo lugar ao mundo interdisciplinar, intertextual e polissêmico. Nesse sentido, a desconfiança assume o lugar da confiança que o homem tinha no sistema de pensamento vigente, e novas formas de pensar são criadas, paradigmas são avaliados e ressignificados de acordo com as vozes que se descentram e se deslocam de seus lugares, antes imóveis. Dá-se início a um novo processo histórico-social. O presente é revisto à luz desse novo contexto pós-guerra e pós-catástrofe que a humanidade presenciou durante todo o século XX.

Assim, para estudar o trauma é preciso, necessariamente, refletir sobre a representação da memória e sua inserção espacial, pois toda memória está circunscrita a um determinado lugar, espaço ou território. Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs, “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. [...], nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda” (2006, p. 170). Dessa forma, o espaço é muito importante quando queremos trazer à tona o fugidio e fragmentado passado. Espaço e tempo tornam-se duas importantes coordenadas em que a escrita está inserida. O tempo, categoria fundamental dos gêneros narrativos e em particular dos romances, é muito significativo na obra de Lobo Antunes. Liga-se a uma específica sensibilidade do escritor, manifestada desde seu primeiro livro, às questões da memória que transmite aos narradores e personagens, implicando uma concepção da vida na qual a duração de existência individual se organiza em volta de nós de significação. Daí, percebermos nas obras de Lobo Antunes a presença de uma narração dispersa, em que o tempo não se estrutura de forma contínua e tradicional, interpelada por dois lugares em que a história se desenvolve: Angola e Portugal, dois lugares que marcam a memória narrativizada pelo escritor em seus romances: “Entre a Angola que perdera e a Lisboa que não ganhara o médico sentia-se duplamente órfão, e esta condição de despaisado continuara dolorosamente a prolongar-se porque muita coisa se alterara na sua ausência ...” (Antunes, 2006, pp. 102-103).

1 | A REPRESENTAÇÃO DO TRAUMA NA LITERATURA LOBOANTUNIANA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS

O trauma deixa muitas sequelas em sujeitos que viveram experiências-limite. O olhar foca a cena do “mal” e internaliza na mente humana, de forma amedrontada e severamente destruidora, as imagens do horror visto. Esta situação-limite, que pode levar o sujeito à morte, gera angustiante “sentimento de perda”, jamais vivenciado ou sentido pela pessoa. Há, então, a necessidade de atenuar este “choque” que se alastra no corpo e na mente como “ferida”, impedindo que os sobreviventes e portadores dele possam viver a mesma vida que antes viviam. Os sujeitos afetados pelo trauma são conduzidos a um processo que denominamos aqui de “desconstrução”. Ela nos leva a pensar com outra “mente”, desligada de seu fixo discurso sobre a vida e o mundo, apoiada em sentidos dispersos, fragmentados e descentrados, gerando o que podemos chamar de “crise de sentidos”, que tem a ver com a crise da representação, da identidade e dos valores culturais. Nesse sentido, podemos constatar, por meio da leitura e análise dos três romances, que eles nasceram da desconstrução de sentimentos e valores que antes serviam de eixo para a vida de seus narradores, e respectivamente, do próprio escritor, como bem constatamos no seguinte trecho retirado do romance:

[...] o seu domínio fora sempre o do sonho confuso e vagueante, sem tábuas de logaritmos que o decodificasse, e *acomodava-se a custo à ideia de uma ordenação geométrica da vida, dentro da qual se sentia desorientado como formiga sem bússola*. Daí a sua sensação de existir apenas no passado e de os dias deslizarem às arrecuas como os relógios antigos, cujos ponteiros se deslocam ao contrário em busca dos defuntos dos retratos, lentamente aclarados pelo ressuscitar das horas. [...] Desde que separara da mulher perdera lastro e sentido: as calças sobravam-lhe na cintura, faltavam-lhe botões nos colarinhos, principiava pouco a pouco a assemelhar-se a um vagabundo associal em cuja barba cuidadosamente feita se detectavam as cinzas de um pretérito decente. Ultimamente, observando-se ao espelho, achava que as próprias feições se desabitavam, as pregas do sorriso davam lugar às rugas do desencorajamento. No seu rosto havia cada vez mais testa [...] (Antunes, 2006, p. 94, grifo nosso).

Na citação acima retirada do romance *Memória de Elefante*, constatamos a crise dos sentidos e, posteriormente, a crise de representação do personagem-narrador que percebe as palavras tão supérfluas e desprovidas de sentido que ele habituara a dar-lhes, antes de sua experiência com a Guerra de Ultramar. Os objetos, retratos e outras coisas que ele folheava, desfigura e desloca seu rosto, trazendo à tona lembranças de representações que não conseguem mais serem fixadas em sua fragmentada e dispersa mente conturbada. Ele “acomodava a custo à ideia de uma ordenação geométrica da vida, dentro da qual se sentia desorientado como formiga sem bússola”. No final do excerto, o personagem-narrador declara que “observando-se ao espelho, achava que as próprias feições se desabitavam, as pregas do sorriso davam lugar às rugas do desencorajamento”.

Percebemos que o personagem-narrador é movido por uma desconstrução que o conduz a um descentramento do “sujeito cartesiano” que, antes, habitava sua

formação ideológico-discursiva. Ao perder esse sujeito “solidificado” pelo sistema de poder colonialista do qual ele fazia parte, sente-se inseguro, angustiado e traumatizado. No entanto, para amenizar esse “desconforto” e mal-estar oriundos de sua experiência bélica, o autor, por meio de seu personagem-narrador, recorre à escrita como meio de sobrevivência. O sobrevivente sobrevive para preencher as “lacunas” deixadas pelo passado. Assim, sua “escrita sobrevivente²” servirá de objeto à Literatura de Testemunho.

Diante desta complexidade de tornar visível algo que pertence à invisibilidade, perguntamos: O trauma possui alguma relação com a identidade? Podemos afirmar que sim, pois sua função desconstrutiva modifica, sem dúvida, o discurso que o sujeito emite sobre sua identidade. Os narradores/personagens de Lobo Antunes, “afetados” pelo trauma, não conseguem manter a identidade que antes tinham de si mesmos:

A identidade do sujeito da enunciação é apresentada como objeto perdido, e o discurso, um esforço de elaboração (Pena, 2003, p. 312). Sem identidade segura, a voz de enunciação faz da narração a busca de um sentido que não foi antecipadamente definido. Trata-se de um discurso instável, híbridos, em que os conflitos sociais são incorporados aos fundamentos expressivos (García, 2003, p. 50). O conceito de real é especificamente problematizado quando pensamos em testemunho, pois não estamos diante de uma percepção do senso comum. A vítima do testemunho não vê apenas o que é trivialmente aceito: o que merece testemunho, em princípio, é caracterizado por uma excepcionalidade, e exige ser relatado (Seligmann-Silva, 2003, p. 47). O real é entendido como traumático. Para Pena, ‘o testemunho fala e narra nosso encontro com o Real do trauma, assim como concebido por Lacan, o encontro com estas experiências do corpo que sofre’ (Pena, 2003, p. 347). Quando a dor corporal é incontornável, ocorre, ‘uma espécie de descolamento entre mente e corpo: ou seja, vontade de abandonar o corpo’ (Seligmann-Silva, 2007, p. 53). (Ginzburg, 2012, p. 57).

Ginzburg (2012) traz valiosas contribuições quando dialoga com vários importantes autores. Mas de tudo o que foi mencionado na citação acima vale frisar sobre a sua definição acerca do conceito de real que é problematizado no campo da literatura de testemunho que entende o real como traumático. O autor, em concordância com Pena (2003) ratifica que “o testemunho fala e narra nosso encontro com o Real do trauma, assim como concebido por Lacan, o encontro com estas experiências do corpo que sofre”. E completando o seu pensamento intertextual, utiliza-se das palavras de Seligmann-Silva para fechar o seu discurso: Quando a dor corporal é incontornável, ocorre, “uma espécie de deslocamento entre mente e corpo: ou seja, vontade de abandonar o corpo”. Essa vontade de abandonar o corpo é concretizada na vida de sobreviventes como Paul Celan e Primo Levi, sobreviventes de Auschwitz. Todavia, Lobo Antunes resiste a essa tentação. Em entrevistas e em suas crônicas ele expõe sobre a presença do suicídio em sua vida, mas o amor às suas filhas Maria José e Joana Antunes que perderam sua mãe (única mulher que ele realmente amou), o impede de praticar tal violência, preferindo recorrer à “escrita

² Chamamos de “escrita sobrevivente” todo testemunho dado por alguém que sobreviveu a uma catástrofe, e que, de posse do poder da criação e do imaginário, consegue dar sentido ao irrepresentável, falar do indizível, tornar visível o invisível.

sobrevivente” para continuar sendo um sobrevivente vivo e em constante produção literária.

Em relação ao contexto histórico em que os romances de traço autobiográfico de Lobo Antunes estão inseridos, podemos trazer à tona as contribuições de Manuela Ribeiro Sanches. Para a autora:

A memória da guerra colonial, os conflitos sobre uma descolonização apelidada de “exemplar” ou “desastrosa” revelam, no caso português, o modo como as feridas continuam abertas, sobretudo nas gerações que as presenciaram. As memórias dos “retornados” afloram timidamente, sempre em termos de um debate controverso que parece longe de encerrado. [...] Pergunta que, se faz sentido, não obsta a que se acrescente outra: como falar do pós-colonial sem pensar o colonial e a reacção mais imediata a este? (2012, p. 10).

Sanches (2012) traz à tona uma questão que é fundamental para que possamos entender o pensamento colonial que dominou e continua a dominar o mundo por meio de suas velhas estratégias movidas por relações de poder reprodutoras de desigualdades, preconceito e racismo. Para a autora, pensar o pós-colonial é, sobretudo, pensar o colonial e a sua reacção imediata.

As contribuições de Sanches são de suma importância à medida que em seu discurso podemos perceber que o colonizador, ao criar um sistema de repressão da vida cultural do povo colonizado, provoca e desenvolve a alienação cultural de parte da população. Nesse sentido, a escrita loboantuniana torna-se um valioso contributo para a literatura de testemunho e para a própria história porque suas obras são interpeladas por uma potente voz que denuncia o horror causado pela guerra colonial em Angola, como bem podemos perceber no seguinte excerto, retirado do romance *Os Cus de Judas*:

Não, a sério, a felicidade, esse estado difuso resultante da impossível convergência de paralelas de uma digestão sem azia com o egoísmo satisfeito e sem remorsos, continua a parecer-me, a mim, que pertenço à dolorosa classe dos inquietos tristes, eternamente à espera de uma explosão ou de um milagre, qualquer coisa de tão abstracto e estranho como a inocência, a justiça, a honra, conceitos grandiloquentes, profundos e afinal vazios que a família, a escola, a catequese e o Estado me haviam solenemente impingido para melhor me domarem, para extinguirem, se assim me posso exprimir, no ovo, os meus desejos de protesto e de revolta. O que os outros exigem de nós, entende, é que os não ponhamos em causa, não sacudamos as suas vidas miniaturais calafetadas contra o desespero e a esperança, não quebreemos os seus aquários de peixes surdos a flutuarem na água limosa do dia-a-dia, aclarada de viés pela lâmpada sonolenta do que chamamos virtude [...] (Antunes, 2007, p. 121-122).

Assim, entendendo que nada se conclui e que tudo está em constante mudança, as palavras do personagem-narrador acima expõe o “eu” do autor por meio do protesto e da revolta que embasam sua escrita literária. O trauma potencializa a linguagem por meio da experiência vivida pelo romancista, proveniente de cinco acontecimentos que funcionam como geradores centrais: a abrupta partida para Angola, as lembranças de seus pais e de suas tias (infância), a sua presença na guerra colonial em Angola, a vivência no Hospital Miguel Bombarda e a separação de sua esposa, após a guerra.

No seguinte fragmento, retirado do romance *Os Cus de Judas*, podemos constatar a presença do discurso traumático: rastros-resíduos do passado captados

pelo escritor. O poder da linguagem destrava os lacres que silenciaram a voz por cerca de seis anos. A escrita dá ao escritor o “alimento” de que ele necessita para sobreviver:

[...] continuo *a escutar*, sentado na sanita, olhando no espelho *o meu rosto* que irremediavelmente *envelheceu*, as falanges amarelas dos cigarros, os cabelos brancos, que eu não tinha, as rugas, Sofia, que me vincam a testa do mole cansaço dos quem definitivo desistiram. [...] prolongava nas feições em repouso algo das minhas feições *de antes*, quando *a amargura e o sofrimento da guerra* me não haviam ainda numa espécie de bicho desencantado e cínico, procedendo ao transformado acto do amor nos gestos indiferentes e alheios dos comensais solitários nos restaurantes, *olhando para dentro de si* próprios *as sombras que os habitam*. [...] Porque foi nisto que *me transformei*, que *me transformaram*, Sofia: uma criatura envelhecida e cínica a rir de si própria e dos outros o riso invejoso, azedo, cruel dos defuntos, o riso sádico e mudo dos defuntos, o repulsivo riso gorduroso dos defuntos, e a *apodrecer por dentro*, à luz do uísque, como apodrecem os retratos nos álbuns, *magoadamente, dissolvendo-se devagarinho* numa confusão de bigodes. [...] porque o *isolamento* e a *solidão* se me enrolam nas tripas, no estômago, nos braços, na garganta, me impedem de me mover e de falar, me tornam num vegetal agoniado incapaz de um grito ou de um gesto, à espera do sono que não chega (Antunes, 2007, pp. 59-151-152-156-176-182, grifo nosso).

Não pretendemos aqui fazer uma análise interpretativa interpelada pela Análise do Discurso, mas faz-se necessário recorrermos ao uso que Foucault (2008) atribui ao discurso que esconde dentro de si estruturas ideologicamente perceptíveis. Entendemos, desta forma, que é por meio da linguagem, da entrega à palavra, nas margens da potência do poder da criação que o romancista constrói a sua escrita, movida por uma forte presença de signos traumáticos capazes de “traduzir” ou trazer à tona fragmentos do passado, reconstituído por meio de seu imaginário. Assim, adentrando-nos na citação acima, centramo-nos, primeiramente, no signo “escutar”, palavra que denota a presença de algo longínquo que pode ser visto pela voz que emerge do interior do sobrevivente, alojado em seu corpo como cicatriz que dá sinais de vida, de escuta... E é no “rosto” (parte central de seu corpo que é visível pelo espelho) que Lobo Antunes detecta sinais de envelhecimento precoce. Sinais fisicamente observados quando ele se vê ao espelho. Dentro desse contexto, o sobrevivente-autor traz à tona dois outros signos reveladores da memória tecida por rastros traumáticos: a “amargura” e o “sofrimento” causados pela guerra. É dentro de si, do mundo interior, complexo e paradoxal por natureza, que ele retira os signos que juntamente com ele sobreviveram, como fantasmas ou sombras, denotando um profundo esvaziamento de si, uma desorientação de um antigo “eu” que lá residia, contaminado por “sombras” que, inevitavelmente, precisa conviver, causando no corpo do sobrevivente, uma angústia antes não sentida.

A experiência com o horror na guerra em Angola modificou esse interior, abalando as estruturas sociais, político-económicas e culturais. Tudo acontece de forma lenta e gradual... O retorno do sobrevivente ao real se dá de forma descontínua, fragmentada, dolorida, ameaçadora, rompendo as estruturas de coesão semântica que norteavam a vida do “antes de”. A anterioridade não consegue mais se impor diante de um “depois” que choca e fere o discurso que o sobrevivente carregava dentro de si em relação à existência humana. A solidão torna-se a sua companheira exata, transformando-o em

“estrangeiro” em seu próprio país, e esse sentimento de estranheza (fator significativo para o sujeito que sobreviveu a uma catástrofe) leva-o a separar-se de sua esposa, aumentando, ainda mais, o processo traumático herdado de sua experiência bélica.

Convém, desta forma, definirmos a escrita loboantuniana, datada de 1979-1980, como escritura catastrófica, movida por signos traumaticamente tecidos nas margens cinzentas do que se pode representar, embora irrepresentável, cenas vividas por seu frágil corpo. A língua sobrevive a tudo isso em silêncio, mas, por meio da escrita literária, ela potencializa-se e consegue, de forma fragmentada, dar conta de um passado que ainda ressoa no presente.

No meio de tantas perdas, uma coisa permaneceu acessível, próxima e salva – a língua. Sim, apesar de tudo, ela, a língua, permaneceu a salvo. Mas depois de atravessar o seu próprio vazio de respostas, o terrível emudecimento, mil trevas de um discurso letal. Ela fez a travessia e não gastou nenhuma palavra com o que aconteceu, mas atravessou esses acontecimentos. Fez a travessia e pôde reemergir “enriquecida” com tudo isso (Celan, 1996, p. 33).

Assim, em palavras conclusivas, embora saibamos que essa questão que ora discutimos em torno do trauma na literatura não se conclui por definitivo, pois novas leituras e abordagens estão sempre a surgir por meio de outras vozes, outros discursos, outros caminhos teórico-metodológicos.

A literatura loboantuniana cumpre a árdua tarefa de representar o irrepresentável, possibilitando a recriação do presente por meio de restos-resíduos interpelados pela experiência de vida que Lobo Antunes consegue guardar de seu traumático passado. Assim, não há como pensar na representação do trauma fora de outros conceitos que com ele interdisciplinam-se, como por exemplo, identidade, tempo, espaço, corpo e experiência. Dentre esses conceitos é a identidade o mais relevante, pois o trauma abala intensamente a formação ideológico-discursiva do sujeito sobrevivente. A escrita é ferida em sua materialidade discursiva e é ela que liberta a voz de sua prisão, de seu silêncio, voz que ressignifica o real, trazendo uma nova representação, capaz de desconstruir o discurso dominador colonialista por meio da memória individual e socializada através da experiência de Lobo Antunes com a Guerra Colonial, em Angola.

REFERÊNCIAS

Antunes, António Lobo. (2006). *Conhecimento do inferno*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Antunes, António Lobo. (2006). *Memória de elefante*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Antunes, António Lobo. (2007). *Os Cus de Judas*. (2ª ed). Rio de Janeiro: Objetiva.

Bondía, Jorge Larrosa. (2002) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In *Revista Brasileira de Educação*. (João Wanderly Geraldi, Trad.). Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas. Jan/Fev/Mar/Ab, n. 19.

Butler, Judith. (2015). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* (Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha, Trad.). (1ª ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

Celan, Paul. (1996). *Arte poética: o meridiano e outros textos*. (João Barrento e Vanessa Milheiro, Trad.). Lisboa: Cotovia.

Foucault, Michel. (2008). *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970*. (Laura Fraga de Almeida Sampaio, Trad.). (16ª ed), São Paulo: Edições Loyola.

Ginzburg, Jaime. (2013). *Literatura, violência e melancolia*. Campinas, São Paulo: Autores Associados.

Halbwachs, Maurice. (2006). *A memória coletiva*. (Beatriz Sidou, Trad.). São Paulo: Centauro.

Sanches, Manuela Ribeiro (Eds.). (2012). *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Crítérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0